

humanitas

Vol. XLIII-XLIV

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XLIII-XLIV

HUMANISMO PORTUGUÊS
NA ÉPOCA DOS DESCOBRIMENTOS

CONGRESSO INTERNACIONAL
(Coimbra, 9 a 12 de Outubro de 1991)

ACTAS



COIMBRA

MCMXCI - MCMXCII

O LIVRO DOS PROVÉRBIOS NA INTERPRETAÇÃO EXEGÉTICA DE D. JERÓNIMO OSÓRIO. ASPECTOS FILOLÓGICOS

MANUEL AUGUSTO RODRIGUES

Como escreveu alguém, o livro dos Provérbios constitui o caso mais típico da literatura sapiencial de Israel. Como sabemos, esse género literário — o sapiencial — abrange os livros de Job, Provérbios, Eclesiastes, Eclesiástico e Sabedoria. O Cântico dos Cânticos não pertence ao grupo dos livros sapienciais. Mas não é de esquecer que também noutros livros bíblicos perpassa a temática sapiencial, como em certas partes de Tobias e de Baruch e em alguns Salmos.

A literatura sapiencial foi cultivada em todo o Próximo Oriente Antigo, sendo de destacar a Mesopotâmia (Assíria e Babilónia) e o Egipto. Trata-se de uma literatura profana e prática (não teórica), como sucedeu mais com os gregos. Era de carácter prático, a partir da experiência. Era uma arte de bem viver e a sua concretização um sinal de boa educação.

O texto mais antigo sobre a Sabedoria de Israel encontra-se em 1 Reis, 5, 10: «A sabedoria de Salomão foi maior do que a sabedoria de todos os filhos do Oriente e do que toda a sabedoria do Egipto». Eram célebres os sábios árabes e edomitas (Jer. 49, 7; Bar. 3, 22-23; Ab.9). Os Provérbios contêm as palavras de Agur (30, 1-14) e as de Lemuel (31,1-9) — ambos de Massá, uma tribo do Norte da Arábia (Gén. 25, 14).

As obras literárias de Israel emergem da mesma área geográfica. Estamos no mesmo ambiente que conheceu o aparecimento de uma rica tradição sapiencial.

Deve acentuar-se que na literatura sapiencial não são abordados os grandes temas bíblicos da Lei, da Aliança, da Eleição, da Salvação. Nem se depara com a preocupação de traçar a história de Israel e do futuro dos povos. O que têm em vista os autores sapienciais é o destino dos indivíduos, de Israel e dos seus vizinhos. Tudo isso visto à luz da religião jahvista. Assiste-se a uma evolução da Revelação, pois a temática sapiencial aborda a vida do homem numa perspectiva profana iluminada sim pela Fé divina. A oposição entre Sabedoria e loucura, entre justiça

e iniquidade, entre piedade e impiedade, eis uma série de antinómios e antíteses frequentes nos livros sapienciais. A verdadeira Sabedoria é o temor de Deus e o temor é a piedade. Pode dizer-se que se transpõe a barreira do puro humanismo passando para o humanismo devoto.

A Sabedoria é perspectivada em relação a Deus; vem de Deus, pois só Ele é sábio (Prov. 21, 30). É uma sabedoria transcendente a bíblica, que se pressente já na obra da criação. Mas o homem não pode alcançá-la. E tem Deus como ponto de referência: «Non est sapientia, non est prudentia, non est consilium contra Dominum», lê-se naquele passo do livro dos Provérbios.

O prólogo dos Provérbios (1-9) fala da Sabedoria divina que se exprime como uma pessoa: presente com Ele desde a eternidade e actuando com Ele desde o início de todas as coisas: Prov. 8, 22-31. Em Job, 28 aparece como distinta de Deus que é o único que sabe onde ela se encontra. Em Sir. 24 sai da boca de Deus que habita nos céus e é enviada a Israel por Deus. Na Sab. 7, 22-8,1 aparece como uma efusão da glória do Todo-Poderoso e é uma imagem da sua excelência.

A sabedoria é um atributo de Deus, separa-se dEle e torna-se pessoa. É uma personificação literária, preparando a revelação das Pessoas divinas. Como a Sabedoria, o Logos joanino está em Deus e fora dEle. Pode ver-se nela uma antecipação do Verbo Incarnado.

O destino dos indivíduos é uma preocupação dos autores sapienciais, como já se disse. Nas partes mais antigas dos Provérbios, a Sabedoria (a justiça) conduz à felicidade do homem; a loucura conduz à impiedade, à ruína. Deus recompensa a conduta dos mortais. No prólogo dos Provérbios (3, 33-35; 9, 6, 18) isso é claro. Esta doutrina é o fundamento da Sabedoria. Deus sábio e justo, como governador do mundo, apela à experiência de acordo com as orientações dadas aos homens.

A retribuição final não podia ser esquecida. O judaísmo alexandrino avançou em relação ao judaísmo palestinese. Em Sab. 2, 23 lê-se que o homem foi criado para a imortalidade. O castigo dos ímpios é incluído em 3, 1-12.

A forma literária mais remota e a mais simples é a do *mashal*. O título dos Provérbios é um plural (משלי).

Trata-se de máximas, de ditos populares, de frases curtas que encerram ensinamentos morais elevados. Depois deu-se uma evolução para a parábola ou a alegoria, para o discurso ou o raciocínio. Isso é evidente no prólogo dos Provérbios mas as grandes obras são Job e a Sabedoria.

Esse género literário fixa-se bem na memória. Os pais ensinavam aos filhos os ensinamentos sagrados (Prov. 1, 8; 4, 1; 31, 1; Sir. 3, 1).

A Sabedoria é um privilégio de alguns, o mesmo sucedendo na Mesopotâmia e no Egipto. Era uma espécie de Academia das Ciências Morais. Pessoas doudas compunham para outras pessoas doudas.

O livro dos Provérbios intitula-se em hebraico **משלי** que os LXX traduziram por *Παροιμίοι Σαλωμωντος* e a Vulgata por *Liber Proverbiorum*. A tradição cristã na sua liturgia designou-o por Sabedoria de Salomão, o mesmo que se verificou com outros livros sapienciais (Eclesiastes, Sabedoria e Eclesiástico). Só mais tarde é que se lhe deu o nome de Provérbios, reservando a designação de Sabedoria para o livro da Sabedoria.

Entre os comentadores mais célebres deste texto bíblico, salientam-se Solónio, Beda, S. Agostinho, Rabi Bayn (séc. XVI), Jansénio de Gand, Quirino de Salazar, estes dois do séc. XVI; e Cornélio a Lapede e Maldonado, do séc. XVII.

Trata-se de um livro de interpretação difícil, sendo muitas as variantes e incerta a significação de vários termos hebraicos. A sua redacção final data do séc. IV-III a. C. Foi traduzido para grego (LXX) e depois para outras línguas. Hoje com a descoberta de textos sapienciais do Egipto e da Mesopotâmia torna-se bastante mais compreensível a inteligência do livro dos Provérbios. Basta pensar no enorme contributo dado pelo texto de Amenemopé.

Nem sempre se trata de provérbios ou de sabedoria. Há secções no livro dos Provérbios que são extensas (1.^a parte), em que abundam os conselhos e não os provérbios ou os aforismos. Amiúde a tónica é intelectual e não moral ou prática. A prudência, a sensatez, a orientação espiritual e a sagacidade aparecem frequentemente.

Interpretando dessa forma o conteúdo do livro dos Provérbios, o Talmud chamou-lhe *Mislot* ou *sefer. hokmâ*, livro dos Provérbios ou da Sabedoria.

Zorell dá a seguinte explicação do termo Sabedoria (**חכמה-חכמת**; «pl. “excellèntiae” **חכמות**): “sapientia, cuius nomine designatur universim sapientia atque intelligentia haud communis, altior, nobilior. practica; in specie: 1) dexteritas ingeniosa artificum, como em Ex. 31, 6. 36, 1 s. 1 Reg. 7, 14; 2) insignis dexteritas et idoneitas ad alios dirigendos, docendos, regendos; 3) sapientia, fama celebris populorum exterorum; 4) sapientia ut virtus, indoles, ornatus hominis iusti, cum timore Dei inseparabiliter iuncta, passim per libros sapiëntiales (vid. Prov. 1, 7; 2, 2; 6, 10; 3, 13; 9, 10; 15, 33, etc.)».

Assistiu-se ao longo da história bíblica a uma evolução do conceito de Sabedoria. Da Sabedoria natural e pragmática passou-se para a Sabedoria espiritual. A primeira é própria do livro dos Provérbios; a segunda do livro da Sabedoria.

O termo σοφός traduz a ideia de filósofo no sentido de «sapiens». Nos Evangelhos o sábio administrador é prudente σώφρων e as virgens sábias são prudentes. Pelo contrário, mantém-se a palavra ἄφρων, “nécio”, tanto nos livros dos Provérbios e da Sabedoria como nos Evangelhos.

Seria interessante prosseguir aqui no desenvolvimento que conheceu a ideia de Sabedoria na literatura do Novo Testamento e depois na teologia cristã. Limitaremos as nossas considerações a alguns aspectos. Segundo S. Paulo, a corporização da sabedoria realizou-se em Cristo crucificado e ressuscitado (1 Cor. 1, 24), o qual traz ao Mundo todos os tesouros da Sabedoria e o conhecimento perfeito (Col. 2, 3; cf. Apoc. 5, 12). Ele tornou-se para os homens Sabedoria de Deus: “Ex ipso autem vos estis in Christo Jesu, qui factus est nobis sapientia a Deo, et justitia, et sanctificatio, et redemptio” (1 Cor. 1, 30). Ou seja, fonte e mediano da Sabedoria divina, depois de se ter tornado entre os homens o símbolo máximo da Sabedoria (Lc. 2, 40.52; Mc. 6, 2 e par.). A Sabedoria de Deus (Lc. 11, 49) revelou-se no mundo criado (1 Cor. 1, 21), nos seus planos admiráveis de salvação (Rom. 11, 33), na Igreja (Ef. 3, 10), na actuação de Jesus e do seu Precursor (Mt. 11, 19; Lc. 7, 35).

A especulação filosófica e teológica não podia deixar de se debruçar sobre o tema da Sabedoria, sobre a sua origem, significado e formação. O gnosticismo, o neoplatonismo e a seguir a Patrística (Orígenes, Atanásio, Gregório de Niceia, S. Agostinho, o Pseudo-Dionísio, S. João Damasceno e S. Ambrósio) muito se preocuparam com a noção de Sabedoria, tendo contribuído imenso para o seu aprofundamento.

E não são de esquecer aqueles autores que a partir dela extraíram aspectos de índole eclesiológica, ética e mística de grande significado e muito merecimento. Estão neste caso Haimo de Halberstadt, Hildegard de Bingen, Adelman de Brescia, S. Boaventura e João Ruysbroek.

Um outro autor que dedicou a sua atenção especulativa ao tema da Sabedoria foi Nicolau de Cusa, que, baseando-se nele, abordou a ideia do Logos (“Deus homo factus est”). Tratando da imagem do mundo contraditório em que viveu — na passagem da Idade Média para a Renascença —, que era tempo de contrastes, abordou nas suas obras *De concordia catholica* (1432-33), *De docta ignorantia* (1440), *De coniecturis* (1440), *De Deo abscondito* (1444), *De quaerendo Deum* (1445), *De filiatione Dei* (1445), *De visione Dei* (1453), *De principio* (1459), *De possessis* (1460) e *De non aliud* (1465) aspectos de relevante importância relacionados com a Sabedoria e o Logos. A “compreensão incompreensível” de Deus constitui uma vertente fundamental do seu pensamento.

Preocupado com a formulação das relações de Deus com o universo, Absoluto máximo e Absoluto contraído, deixou-nos numa originalidade filosófico-teológica apreciável uma visão do microcosmos e do micocosmos muito particular, que o consagra como um grande espírito especulativo. E nessas considerações o tema do Logos-Sabedoria aparece como um elemento de fundamental significado.

D. Jerónimo Osório, insigne humanista e notável historiador, é menos conhecido pela obra exegetica que nos deixou. E, contudo, ele escreveu alguns comentários bíblicos que merecem ser devidamente estudados para se compreender a sua personalidade em toda a dimensão.

Além dos tratados sobre a Epístola aos Romanos e o livro de Job (paráfrase), debruçou-se ainda sobre os livros da Sabedoria, Isaías, Oseias, Zacarias, o Evangelho de S. João e os Provérbios. Este último recebeu o título de *Commentaria in Parabolas Salomonis*. O latim em que foram elaborados esses comentários é de uma beleza literária assinalável, como, aliás, era de esperar de um autor tão abalizado no domínio do idioma do Lácio.

Seu sobrinho, também chamado Jerónimo Osório, viria a compilar toda a produção literária do tio e acrescentaria ainda paráfrases e comentários aos livros do Cântico dos Cânticos e do Eclesiastes. Os *Opera omnia* com os escritos de ambos foram publicados por Jerónimo Osório, sobrinho, em Roma (1592).

Nos comentários de carácter escriturístico que compôs, denota D. Jerónimo Osório possuir sólidos conhecimentos do hebraico e do grego como se verá pelos exemplos que mais adiante apresentaremos.

De notar que é o único exegeta português que tomou o livro dos Provérbios para tema de trabalho exegetico. Mas fê-lo com uma intenção moralizante, como teólogo que se preocupava com a explanação dos textos sagrados a fim de deles extrair os ensinamentos dogmáticos e formativos que julgava pertinentes. Mas é a faceta de filólogo que iremos realçar neste estudo.

Num século como aquele em que viveu D. Jerónimo Osório, foi deveras rico o labor levado a efeito no domínio dos estudos bíblicos. Beneficiando do trabalho realizado por autores judeus desde a Idade Média e imbuídos da atmosfera do humanismo, foram muitos os comentadores bíblicos que surgiram ao longo do séc. XVI. Gramáticos, lexicógrafos, exegetas e simples comentadores, deixaram uma série de obras de relevante importância, que ainda hoje causam a melhor admiração.

Com o aparecimento da Reforma e depois da Contra-Reforma, o interesse pela exegese bíblica como que redobrou. Em Portugal assistiu-se a todo esse pro-

cesso com grande atenção e assim vieram a aparecer igualmente entre nós figuras de notável craveira que se aplicaram profundamente ao estudo das línguas semíticas e clássicas em função do texto sagrado. Jerónimo Osório, Francisco Foreiro, Heitor Pinto, Manuel de Sá, o bispo de Coimbra, D. João Soares, Jerónimo Azambuja (Oleastro), Pedro de Figueiró e Luís de Sotomaior são alguns desses escrituristas.

D. Jerónimo Osório começa logo por explicar à boa maneira de pedagogo o significado do termo parábola, que figura como título do livro dos Provérbios (*Mislé Selomoh*, מְשָׁלֵי שְׁלֹמֹה), que os LXX traduziram por *Παροιμίαι Σαλωμωντος* e a Vulgata por *Liber Proverbiorum*, como já se disse.

A parábola, escreve, “erigit animum ad arcana sapientiae disciplinarum arripiendam». A parábola, continua, é uma sentença grave, elegantemente incluída na compreensão brevíssima das palavras. Trata-se de um cântico elaborado, com figuras e metáforas, contendo preceitos que se destinam à instrução dos leitores. Também se dá o nome de provérbio porque abrange os sentidos divinos por meio de orações sintéticas.

A Sabedoria é definida como “altissimum, atque divinarum rerum scientia”. Para chegar a ela, há que aplicar a disciplina, que é a “ratio, atque via, qua ad sapientiam pervenitur”.

Ninguém é sábio senão aquele que é ensinado pelo Espírito divino. Só esse aceita o temor de Deus, que está intimamente ligado à Sabedoria. Esta é explicada pelos hebreus como se se tratasse de um colectivo. Tem uma força múltipla. É um singular abrangente, digamos.

Vejamos agora alguns exemplos da exegese bíblica feita por Jerónimo Osório ao livro dos Provérbios.

Ao analisar Prov. 4, 5: “Posside sapientiam, posside prudentiam; ne obliviscaris, neque declines a verbis oris mei” (em hebraico: קְנֵה חִכְמָה קְנֵה בִינָה, אֲלֵ תִשְׁכַּח וְאַל-תִּשְׁכַּח מֵאֲמָרֵי פִי), Osório explica que o verbo hebraico (קְנֵה) significa a preocupação e a solicitude de obter alguma coisa e de a valorizar (“studium et sollicitudo” são os termos utilizados para traduzir a ideia de preocupação e solicitude). E acrescenta o nosso autor: todas as faculdades do homem devem ser postas em acção para alcançar a sabedoria; é o que fazem os mortais para possuir o ouro e as riquezas.

Em 5, 3 lê-se: “Favus enim stillans labia meretricis, et nitidius oleo guttur eius” (em hebraico: כִּי נִפְתַּח תְּשֻׁפְנָה שִׁפְתַי זָכָר וְחִלְףֵי מִשְׁמֵן חֶכְהָ), o que proporciona ao Bispo de Silves explicar a palavra hebraica זָכָר que, rigorosamente, significa “aliena”. A Bíblia de Jerusalém traduz por “étrangère”.

Osório segue a versão tradicional de “aliena”. Trata-se de um vocábulo que pode ter várias acepções, como se pode ver pelo que diz Zorell no seu *Lexicon*: “alienus, extraneus, alienae religionis, ad aliam familiam pertinens extra ordinem consuetum, mirus”. Daí derivam outras possibilidades de interpretação: “alienigena; ad alicuius domum, familiam, classem pertinens, extraneus; deus extraneus, falsus, alterius, non-suus (Prov. 5, 3.20; 22, 14; alius (ein anderer, un autre)”. Pelo que fica dito, intérpretes houve que enveredaram pela versão de “meretrix”.

Um outro passo que mereceu a D. Jerónimo algumas considerações foi Prov. 14, 3: “In ore stulti virga superbiae” (em hebraico: (בפי אויל חמר רעה)). Segundo os LXX: *εκ στόματος αφρόνων βακτηρεία ὑβρεως*. A Bíblia de Jerusalém deu a seguinte versão: “Dans la bouche du fou il y a un surgeon d’orgueil”; segundo as versões alemãs, normalmente: “Im Mund des Toren ist eine Rute für seinen Rücken”. O termo חמר só aparece em toda a Sagrada Escritura aqui e em Is. 11, 11.

Zorell explica-o assim: “ramulus, surculus” (de radice Iesse, Is. 11, 11)”. E acrescenta: “baculus superbiae” est lingua stulti, quae alios verberat et ipsi superbo berbera meret” (Prov. 14, 3). Em árabe é *hatara*, “vibravit”, “mutilavit”.

De referir que não se diz חמר mas sim חשר, pois não se deve entender por “virga”, “insignia regia neque poenae illius instrumentum”.

חמר é o ramo de planta e “virga” ou “baculus, sceptrum, vara”. E explica Osório para esclarecer melhor o leitor: muitas vezes não é de uma árvore determinada mas “insita, cum spe fructus ex illa proferendi”.

Ao analisar 15, 6: “Domus iusti plurima fortitudo et in fructibus impii conturbatio” (em hebr.: בית צדיק חסן), o nosso exegeta escreve: “in hebr. nomen fortitudinis apud hebraeos pro divitiis usurpatur”. O que corresponde à versão feita pela Bíblia de Jerusalém: “Biens abondent dans la maison des iuetes”.

O vocábulo חסן significa “robur, opus divitiae” (Jer. 20, 5; Ez. 22, 25; Prov. 15, 6 e 17. 24); metafoicamente quer dizer “thesaurus salutis”, como em Is. 33, 6. Na forma “niphala” significa “reposita, recondita est res asseverata”, como em Is. 23, 18. Em árabe é *hazana*, “recondidit”, segundo Zorell.

Ao tratar de 17, 8, onde se lê: “Gemma gratissima exsultatio praestolantis: quocumque se verterit, prospere aget” (em hebr.: אבן-חן השחד בעיני בעלין), Osório explica que se pode traduzir assim: “Gemma gratissima est munus in oculis illius, qui illud possidet”. A Bíblia de Jerusalém fornece a seguinte versão: “Une gratification est un talisman pour qui en dispose”. E a “Die Bibel Einheitsübersetzung” deste modo: “Bestechungsgeld ist ein Zaubenstein in den Augen des Gebers; wohin er sich wendet, hat er Erfolg”.

Um outro passo que merece ao Bispo de Silves uma atenção particular é 18,1: “Occasiones quaerit qui vult recedere ab amico; omni tempore erit exprobabilis” (“omni consilio exarcebatur”) (em hebr.: לתאוה יבקש נפרת בכל-תושיה יתגלע). Osório explica que à letra se pode traduzir assim: “Qui desiderio tenetur, separatús inquirít, et in omni solida doctrina se commiscet”.

A Bíblia de Jerusalém fornece a seguinte versão: “Qui vit à l'écart suit son bon plaisir contre tout conseil il s'irrite”.

Os LXX apresentam esta tradução: προφάσεις θητεῖ ἀνηρ βουλόμενος χωρίθεισθαι ἀπὸ φίλων. ἐν πάντι δὲ καιρῶ ἐπονειδιστος ἔσται.

A Bíblia de Jerusalém diz que o texto hebraico é incerto: trata-se de elogio ou de condenação da solidão?

O vocábulo תושיה significa “consilium, sapientia, prudentia”. Por outro lado, a palavra גלע no “hitpael” תתגלע sugere a interpretação seguinte: “se in rixam coniecit, rixatus est”. Aparece apenas em Prov. 17, 14; 20, 3; seguido da preposição ב em Prov. 18, 1. Em árabe corresponde ao verbo gála'a.

Outro passo que proporciona a D. Jerónimo algum comentário é Prov. 18, 19: “Frater qui adiuvatur a fratre quasi civitas firma et lites quasi vectes urbium” (em hebraico: אח נפשע מקריית-עז). A Bíblia de Jerusalém verte assim: “Un frère aidé par son frère est une place forte”, o que equivale ao texto grego: ἀδελφὸς ὑπὸ ἀδελφοῦ βοηθούμενος ὡς πόλις ὀχυρὰ καὶ ὑψηλή. Mas o original hebraico levaria a traduzir: “un frère offensé est plus qu'une place forte”.

Osório escreve que o hebraico à letra se deve entender do seguinte modo: “Frater desertor durior est urbe munita”. Com efeito, o “niph'al” נפשע participípio que aqui encontramos, significa “graviter offensus”. O מן subentende a ideia de “firmior inaccessibilior est urbe munita”, acrescenta Zorell.

A Vulgata e os LXX pretendem apresentar o provérbio clássico: “frater qui adiuvatur a fratre, quasi civitas firma”. Trata-se do irmão mas com a finalidade de ponderar sobre o irmão ofendido que torna a reconciliação tão difícil como a conquista de uma cidade fortificada e a inimizade tão impossível de vencer como vencer as vergas das portas de uma fortaleza.

Ao comentar Prov. 30, 24-28, onde se lê: “Quattuor sunt minima terrae, et ipsa sunt sapientiora sapientibus: formicae populus infirmus, quae praeparant in messe cibum sibi; lepusculus plebs invalida quae collocat in petra cubile suum; regem locusta non habet, et egredietur universa per turmas suas; stellio manibus nititur, et moratur in aedibus regis», D. Jerónimo Osório selecciona apenas um vocábulo que é objecto da sua interpretação.

Neste sugestivo passo escriturístico, o sábio alude a quatro géneros de animais que a Natureza e a Providência garantem na sua sobrevivência, apesar da exiguidade de que se revestem, desprovidos de força e importância aos olhos dos homens.

O Bispo de Silves começa por dizer que o termo שממית tem um significado incerto. Há judeus que afirmam tratar-se do macaco mas, acrescenta, tal hipótese é de excluir, pois se os macacos vivem nos palácios régios, isso deve-se não ao seu instinto mas à vontade de quem os leva para lá. O sábio fala de seres que a natureza dotou de uma capacidade especial de subsistirem por si e de garantirem a sua sobrevivência onde quer que se encontrem.

Outros entendem aquela palavra hebraica como sendo o equivalente de aranha, que tantas vezes se instalam em qualquer canto da casa. Mas, contrapõe Osório, levada pelo instinto de tecer a sua teia, não se oculta, antes revela a sua existência de forma aberta.

O nosso comentador entende que se deve traduzir por “stellio” que, aliás, aparece noutros passos bíblicos. Lembra que pode derivar de שמה que significa “admirari” e “pavescere”. O lagarto rasteja e esconde-se de tal maneira que não se consegue ver.

E prossegue: o sábio pretende mostrar que não é devido à força ou aparência que estes animais sobrevivem mas sim devido ao seu instinto e à Providência divina.

As formigas — qual povo que em grupo se dirige, de forma ordenada, para sítios onde possa encontrar provisões para o inverno — são a seguir referidas. O שפן (lepusculus) é um pequeno animal (ruminante) que vive em grupos nas cavidades da Síria e da Palestina e nelas encontra protecção para a sua debilidade. É o “hyrax syriacus”. O gafanhoto que avança como um exército disciplinado às ordens do seu chefe é outro exemplo aduzido pelo autor dos Provérbios para mostrar como a Providência é sábia e transmite a sua sabedoria aos animais mais insignificantes da criação. O profeta Joel fala também dos gafanhotos como constituindo um exército admirável e preparado para a batalha, com o que se revela a incomensurável Providência divina.

O lagarto é também ele um animal pequeno e débil que pode facilmente ser apanhado à mão. Contudo consegue instalar-se nos palácios régios, onde por vezes se pode observar a subir pelas paredes acima em busca de alimentos.

Não é a grandeza, pois, que conta e traduz a sabedoria mas sim a força intrínseca dos seres.

Cornélio a Lapede extraiu dos quatro animais referidos os ensinamentos seguintes: como a formiga, o homem deve preparar com diligência o alimento do

corpo e do espírito; como o daman, deve ser prudente e habitar em lugar seguro e cómodo; como o gafanhoto, deve procurar a concórdia; como o lagarto, deve buscar a graça e o esplendor que acompanham as boas obras.

A Bíblia de Jerusalém traduziu assim aqueles versículos: “Il est quatre êtres minuscules sur la terre mais sages entre les sages: les fourmis, peuple chétif, mais qui, en été, assure sa provende; les damans, peuple sans vigueur, mais qui gîtent sans les rochers; chez les sauterelles, point de roi! mais elles marches toutes en bon ordre; le lézard que l’on capture à la main, mais qui jante les palais du roi!”

Em Prov. 31, 9 encontramos a frase “Aperi os tuum muto, et caussis omnium filiorum qui pertranseunt”. Em hebraico: פתח־פִּיךָ לְאֵלִים אֶל־דִּין בל־בְּנֵי חֲלוּף.

D. Jerónimo diz que חֲלוּף provém do verbo חָלַף, “transire, vel mutare, vel excindere, vel expellere”.

Trata-se de um «hapax legomenon» o termo חֲלוּף. Aparece só aqui neste passo, significando “transitus, pereundi”. Segundo Zorell, a expressão בְּנֵי־חֲלוּף equivale a “destinati ad abeundum, ad evanescendum, pereuntes”.

A versão feita pelos LXX e a da Bíblia de Jerusalém reflectem a mesma ideia. A primeira soa assim: *διάκρινε δε πένητα και ἀσθενή*. A segunda: “ouvre la bouche, prononce de justes arrêts aux malheureux, à l’indigent, rends justice!”

Outra passagem que merece a D. Jerónimo Osório um interesse particular é Prov. 31, 19, que reza assim: “Manum suam misit ad fortia, et digitos suos ad fusum”. No capítulo em causa o autor sapiencial louva e enaltece o trabalho da mulher. É um verdadeiro hino à força criadora feminina.

Na Bíblia de Jerusalém a versão é esta: “Elle met la main à la quenouille, ses doigts prennent le fuseau”. Em hebraico soa deste modo: יָדֶיהָ שֶׁלַחָהּ בְּבִישׁוֹר וּכְפִיָּהּ תָּמְכוּ פֶלֶךְ.

Osório diz que, embora פֶּלֶךְ signifique “fuso”, todavia pode traduzir-se por “equidade”. Depende do verbo da frase em que se encontra.

Zorell explica o termo hebraico da seguinte maneira: פֶּלֶךְ é o “colus” ou “fusus” (Spindel, fuseau), em assiro “pilakku”. Os LXX traduziram por *ἄτρα κροσε* por *συμφέροντα*.

Também pode significar “territorium administrativum, districtus” (Bezirk), como em Nehem 3, 9-18 (pode comparar-se com o assiro “pilku” e com o árabe “falak” (globus, sphaera).

Mais adiante aparece o v. 21, que é assim traduzido pela Vulgata: “Non timebit domui suae a frigoribus nivis; omnes enim domestici eius vestiti sunt duplicibus”. Em hebraico: לֹא־תִירָה לְבֵיתָהּ מִשֶּׁלֶג כִּי כָל־בֵּיתָהּ לְבָשׁ שְׁנַיִם.

A Bíblia de Jerusalém interpretou desta forma: “Elle ne redoute pas la neige pour sa maisonée, car toute sa famille porte double vêtement”.

Jerónimo Osório explica o vocábulo צִנִּיָּה. Diz que se trata de “coccinus” (a “coccinea vestis”). E acrescenta: “est ad frigus ascendum aptissima”. São vestes duplas e ricas que os criados poderiam usar.

Segue-se a expressão “Stragulatam vestem fecit sibi, byssus et purpura indumentum eius”, que a Bíblia de Jerusalém traduziu assim: “Elle se fait des couvertires, byssus et pourpure la vêtent”.

Segundo D. Jerónimo, trata-se do plural de צִנִּיָּה, “coccum, color ruber splendescens (Scharlach, écarlate, scarlatet), quem praebet vermiculus Lecanimum (Coccus) ilicis Linné (árabe “girmiz”, Kermes-Schillaus, cochenille, crimson-worm), vivens in Quercucoccifera Linné”, servindo-nos da explicação dada por Zorell.

Podemos dizer em conclusão que todas as interpretações fornecidas por D. Jerónimo Osório ao longo do seu “Comentário às Parábolas de Salomão” se orientam no sentido de desenvolver o tema da Sabedoria. O leitor encontra a cada passo instruções e explicações de grande interesse para alcançar a Sabedoria, a verdadeira filosofia moral. Tudo numa linguagem e num estilo brilhantes.

O autor dos Provérbios afirma a origem divina da Sabedoria, que está em Deus de quem procede por geração: “Deus gerou-me, primícias dos seus actos, antes de todas as coisas, desde sempre. Fui constituída desde a eternidade; desde as origens, antes que a terra existisse. Antes que os abismos fui gerada eu; antes que existissem as fontes das águas abundantes” (Prov. 8, 22-24).

A Sabedoria divina convida todos os homens a seguirem os seus conselhos. É um dom de Deus e aparece como uma pessoa junto de Deus.

A sabedoria humana compreende a ciência especulativa, a ciência prática e a rectidão moral. O saber ou posse da verdade, a agilidade mental, a perspicácia, a eloquência, a transmissão de conhecimentos, a conduta humana, a prudência, a discrição, a sagacidade, a justiça, a probidade, a equidade, numa palavra a prática de todas as virtudes e a fuga dos vícios, a disciplina e a correcção — eis em síntese o conjunto de ensinamentos que o autor dos Provérbios inculca ao longo do livro e que D. Jerónimo Osório explicita de forma brilhante.

A Sabedoria como atributo divino actua na natureza e na história da humanidade. Em 7, 22-24 lê-se: “espírito inteligente, santo, ágil, imaculado ..., — amante dos homens, omnisciente ...; é um hálito do poder divino e uma emancipação da glória de Deus Omnipotente. É o resplendor da luz eterna, é o espelho sem mancha da acção divina ... E sendo una, tudo pode, e perma-

ncendo a mesma, tudo renova, e através dos tempos derrama-se nas almas santas”.

“É apresentada como o espírito activo da criação e do governo do mundo, e a função que antes era atribuída ao espírito de Javé é agora atribuído à Sabedoria”. É educadora da humanidade, dos indivíduos e dos reis, escreve o teólogo Ceuppens.

É considerada como um dom semelhante à Aliança e à Lei, com as quais se identifica. Converte-se na sabedoria enciclopédica em Deus e no mundo, princípio de toda a inteligência e de todo o bem. Esta identificação da Sabedoria com o espírito de Javé, a Lei ou a Aliança, por estreita que seja, nunca é absoluta.

NOTA — Para a elaboração do presente estudo; servimo-nos dos *Opera Omnia* de D. Jerónimo Osório, publicada em Roma pelo sobrinho do Bispo de Silves, seu homónimo, os quais incluem ainda trabalhos bíblicos do último; da *Biblia Hebraica* de Rudolph Kittel (Estocarda, 1937); do *Lexicon Hebraicum et Aramaicum Veteri Testamenti* de Francisco Zorell (Roma, 1960); e do *Lexicon in Veteris Testamenti Libros* de Koehler-Baumgartner (Leiden, 1958). Como bibliografia sobre o tema da Sabedoria, apresentamos a seguinte: A. Vaccari, “Il Concetto della Sapienza nell’Antico Testamento”, in *Gregorianum*, I (1920), 218-251; P. van Imschott, “Sagesse et esprit dans l’Ancien Testament”, in *Revue Biblique*, 47 (1938), 23-49; G. von Rad, *Theologie des Alten Testaments*, Munique, 1957, p. 415-57; *Theologisches Wörterbuch*, vol. VII, 476-514; A. Hulsbosch, *Sagesse Créatrice et Éducatrice*, Roma, 1963; F.-M. Braun, “St. Jean, la Sagesse et l’Histoire”: *Neotestament et Patristique* in honneur O. Cullmann, Leiden, 1962, p. 123-133; V. Hamp, *Handbuch theologischer Grundbegriffe*, ed. por H. Fries, vol. II, Munique, 1963, p. 804 ss.; art. “Weisheit”, in *Lexikon für Theologie und Kirche*, vol. 10 (1985), 999-1005.